A importância da arte na sociedade e nos territórios periféricos

A arte não é um luxo reservado aos museus, às galerias ou àqueles que tiveram acesso à formação cultural. Ela é uma forma de conhecimento, expressão, memória e relação. Está presente na maneira como um povo conta suas histórias, registra suas dores, celebra suas identidades e imagina outros futuros possíveis.

Em uma sociedade marcada pela velocidade, pelo consumo, pelas desigualdades e pelo excesso de imagens, a arte pode criar algo cada vez mais raro: tempo para olhar, sentir, escutar e pensar. Ela interrompe automatismos, provoca perguntas e nos coloca diante de experiências que talvez nunca vivêssemos diretamente.

Essa importância se torna ainda mais evidente quando pensamos nos territórios periféricos.

Mas é necessário mudar o modo como falamos sobre esses lugares. A periferia não é um espaço vazio de arte, cultura ou conhecimento esperando que alguém venha de fora levar aquilo que falta. As periferias já produzem cultura, memória, estética, linguagem e saberes. O que muitas vezes falta são oportunidades, recursos, visibilidade, acesso a equipamentos culturais e reconhecimento para aquilo que já existe.

Por isso, trabalhar com arte nesses territórios não deveria significar levar uma cultura considerada superior para aqueles que supostamente não a possuem. Deveria significar criar condições para o encontro, para a expressão e para a ampliação de possibilidades.

Quando uma criança encontra materiais para criar, quando um adolescente percebe que sua fotografia pode contar alguma coisa sobre o lugar onde vive, quando uma mulher transforma sua memória em imagem ou quando uma comunidade encontra formas de narrar sua própria história, não estamos apenas produzindo objetos artísticos.

Estamos afirmando:

sua história merece ser contada.

Sua experiência possui valor.

Sua maneira de olhar o mundo importa.

É por isso que considero o acesso à arte também uma questão de dignidade.

Durante muito tempo, determinadas instituições decidiram quais imagens mereciam ser vistas, quais artistas deveriam entrar para a história e quais culturas seriam consideradas legítimas. Pensar a arte a partir das margens nos obriga a questionar essas hierarquias e perguntar:

Quem tem direito de produzir imagens?

Quem tem direito de contar sua própria história?

Quem é visto?

Quem permanece invisível?

A arte pode criar espaços para que sujeitos historicamente reduzidos a números, estereótipos ou categorias sociais recuperem algo fundamental: a possibilidade de se apresentar a partir de sua própria voz.

E aqui está um princípio importante para aquilo que defendo: não acredito que o artista ou o educador tenha o poder de “transformar” uma comunidade.

A arte não transforma o outro por decreto. Ela pode criar condições para que o próprio sujeito reconheça suas capacidades, construa relações, amplie seu repertório e realize sua própria travessia.

Nesse sentido, a experiência artística pode tornar-se um território de encontro.

Encontro consigo mesmo.

Com o outro.

Com a memória.

Com o território.

Com diferentes culturas.

Com novas possibilidades de existir.

Nos lugares atravessados por desigualdades, isso ganha uma dimensão particularmente importante porque muitas vezes as oportunidades também são distribuídas de maneira desigual. Não podemos controlar aquilo que cada pessoa fará com uma oportunidade, mas podemos contribuir para que ela exista.

E talvez seja esse um dos compromissos mais importantes da arte socialmente engajada: não falar pelo outro, mas criar espaços nos quais outras vozes possam aparecer.

Por isso, quando penso na presença da arte em periferias, escolas públicas, comunidades, prisões, aldeias, territórios de refugiados ou espaços de assistência social, não penso apenas em ensinar técnicas artísticas.

Penso em presença, escuta, pertencimento, memória e possibilidade.

A técnica importa. O conhecimento importa. A história da arte importa.

Mas importa também perguntar:

O que você vê?

O que você sente?

Que história deseja contar?

Que mundo existe dentro da sua experiência?

Talvez a maior contribuição da arte nesses territórios esteja justamente aí.

Não em oferecer respostas prontas, mas em ampliar o campo das possibilidades.

Porque onde existe possibilidade de expressão, existe também possibilidade de reconhecimento.

Onde existe reconhecimento, pode nascer pertencimento.

Onde existe pertencimento, pode surgir participação.

E onde as pessoas percebem que possuem voz, memória e capacidade de criação, começam também a compreender que podem participar da construção da realidade que habitam.

Por isso, defendo uma arte que atravesse fronteiras — geográficas, sociais, culturais e simbólicas.

Uma arte que não chegue aos territórios para dizer quem as pessoas devem ser, mas que encontre nelas aquilo que já existe, crie condições para que isso se manifeste e abra caminhos para aquilo que ainda pode nascer.

Talvez seja justamente aí que a arte revele uma de suas maiores potências sociais: fazer com que aquilo que estava nas margens possa ser visto não apenas como margem, mas como lugar de criação, conhecimento, memória e produção de sentido.